

T R É P L I C A

A CARLOS MALHEIRO DIAS SOBRE A QUESTÃO DO DESEJADO

MEU ILUSTRE AMIGO:

Venho responder conformadamente à segunda rajada fuliginosa — e caótica — desse estonteante Sebastianismo a que sacrificou o seu intelecto. A sua réplica é (como não podia deixar de ser) um pavor: um turbilhão confusíssimo das mais ilógicas alegações, de palavras indefinidas e de frases sem sentido. O estado de espírito em que se acha agora torna-o sensível às sugestões de inteligências inferiores; e o Sebastianismo, apanhando-o enfêrmo, trouxe ao seu espírito a escuridão. Falo-lhe, portanto, como a um doente passageiro, que tenho a certeza que se curará. O verdadeiro Malheiro Dias — o não antero-de-figueiredista, — há de um dia reaparecer, para triunfo (e alegria) de amigos sinceros e leais. Pudesse eu, na minha modéstia, ter a justa recompensa de o ajudar a ressurgir!

E vamos lá.

Recordemos, para clareza, como se originou esta questão.

Pedi-me Raúl Proença, um dia, uma pequena introdução histórica para o seu *Guia de Portugal*. Comecei por me escusar a favor de pessoa mais idónea, mal pensando que o meu escrito se tornaria tão famoso. Mas êle insistiu, e obedeci.

Apresentei nesse trabalhito (*Bosquejo da História de Portugal*) hipóteses sobre todos os pontos importantes da história do país, que ninguém discutiu; e ao ter de mencionar o Desejado (como era forçoso) disse o que dele pensava, isto é: que foi um fanfarrão e mentecapto. O que toda a gente discutiu. Somos assim, em Portugal!

Pouco depois, publica o meu Amigo a *Exortação à Mocidade*; e antes de o folheto aparecer a público (em Lisboa, pelo menos) dá para os periódicos dois trechos: um sobre demagogia, liberdade, razão, inteligência, etc.; outro sobre D. Sebastião, no qual dizia:

1.º Que, segundo António Nobre, D. Sebastião era o mais admirável herói da História, e que nisso António Nobre tinha razão;

2.º Que eu, António Sérgio, errara pensando coisa diversa, por falta do dom do sentimento;

3.º Que a mocidade deveria imitar D. Sebastião, o mais admirável herói da História, no ímpeto da luta, no ardor do ideal, na candura patriótica, e tomá-lo, finalmente, como «lição eterna de beleza»;

4.º Que a minha «blasfemia» sobre o Desejado era um produto desta nossa época, corrompida pelos apetites materialistas e o vampirismo das ambições desenfreadas;

5.º Que eu, António Sérgio, ando a contar a história mal contada.

É o que resulta dos seguintes trechos, que copio textualmente:

«Hoje, como dantes, a história portuguesa, manancial de ensinamentos edificantes, fonte de juvenia da nossa fé, anda mal contada pelos que, destituídos de sensibilidade, cuidam entendê-la aplicando-lhe apenas os processos da análise racionalista, que não podem suprir, na sua agudeza, o dom do sentimento, tam certo é que o calor penetra mais fundo do que a luz.

«António Nobre, a quem preguntaram qual o herói da história que mais admirava, respondeu ser D. Sebastião. Todavia, emendando o poeta, um dos actuais mentores do pensamento português no-lo apresenta como um fanfarrão mentecapto.

«Não, mocidade! *Quem tem razão* não é o racionalista, mas o poeta visionário. D. Sebastião foi uma reencarnação do Portugal do século xv: o seu misticismo, a sua bravura, a sua pureza reencarnadas.

«Como êle, quisera que tivésseis o ímpeto da luta, o ardor do ideal, a candura patriótica!...

«Uma época corrompida pelos apetites materialistas e o vampirismo das ambições desenfreadas, que tem a Índia na alma, coisa pior do que tê-la, como no século xvi, a quatro meses de viagem, não pode julgar sem blasfêmia uma façanha inspirada no misticismo patriótico...

«Porque D. Sebastião foi vencido não devemos inferir que os seus planos eram loucos. O infante D. Henrique também foi derrotado em Tânger, e embora a vitória final dos seus grandiosos projectos e o bem da pátria lhe tivessem ditado a capitulação cruelíssima, de cujas cláusulas deixou como fiança o desventurado e martirizado irmão, a lição eterna de beleza é a do rei virgem imolando-se heroicamente.»

(V. *Exortação à Mocidade*, p. 51 a 54 desta nova edição).

Atacado assim com tal rudez (pois foi o meu Amigo que me atacou, — o que, ao lê-lo, ninguém diria!) e vendo-o espalhar doutrinas falsas que suponho perniciosíssimas, resolvi justificar o que eu dissera, pondo ao alcance da mocidade os documentos em que me fundara ao enunciar o juízo que me impugnou, — documentos tão difíceis de reunir que até o sr. Antero de Figueiredo, no seu *D. Sebastião*, não hesitou em citar um trecho de um deles (que é português) — na tradução francesa que dá Castries (v. o *D. Sebastião*, de Antero de Figueiredo, nota 228).

Assim, pois, eu pus ao alcance da mocidade (perante a qual me fora acusar) e para me justificar contra os seus golpes, os documentos em que me fundara. Eis a Verdade, inobscurecível pelo pathos, pela eloquência, pelo «génio literário» de um Malheiro Dias.

Agora, o meu Amigo volta à carga, reeditando a *Exortação* com um longo *Prefácio* de controversia, — onde se

contém a retratação completa (se bem que titubeada e disfarçada) dos absurdos da *Exortação*. A sua exposição é confusíssima, não entra na análise do verdadeiro assunto, e há que reordená-la metodicamente para metodicamente lhe responder, dividindo-a em pontos. Começarei pelas questões pessoais, para, logo de início, limpar o campo de ervas más.

1.º ponto. Chama-me nomes feios: pedante (p. xvi); presunçoso (xvii); megalomaniaco (xix); galhofeiro insultador de heróis (xix); desleal e tendencioso (xxxiii); des-austinado (xl); sofista (Lxxxviii), etc.

Isto, illustre Amigo, nada tem com o nosso assunto, pois se não trata da ruindade ou da bondade da minha pessoa, mas, de saber se D. Sebastião é, ou não, *o mais admirável herói da história*, como disse António Nobre e *o meu Amigo confirmou*. Poderia chamar-lhe nomes feios, também eu; mas como seria impróprio e injustíssimo (a injustiça alheia não justifica a nossa) e como já me chamou nomes bonitos antes de se converter ao sebastianismo com grave prejuízo do seu intelecto, — limito-me a citar-lhe o bom Montaigne: «Pour Dieu merci, ma créance ne se manie pas à coups de poing... Qui établit son discours par braverie et commandement montre que la raison y est faible» (*Essais*, III, xi). E esquecerei os casos de subterfúgio, deslealdade, falsas atribuições e má fé (filhos da perturbação passageira em que caiu agora o seu espírito) dos quais está cheio o seu Prefácio. Esquecer é Justiça, e justiça só.

2.º ponto. Como é em tudo contraditório, é-o também no meu retrato. Diz-me incapaz de compreender heróis, por falta de sentimento e por frieza, mas ao mesmo tempo apaixonado, fogoso e combativo.

Também não é este o nosso assunto. Já lhe confessei que realmente sou, por temperamento, apaixonado e destrambelhado; mas que procuro submeter à ordem, à inteligência e à harmonia, as manifestações temperamentais; e de tal maneira alcanço o fim, que dou como ninguém nas nossas letras a impressão da serenidade, da imparcialidade e da justiça, — como, por exemplo, no prefácio dos *Dispersos* (que já alguém, *a esse respeito*, qualificou de «maravilha») e em todas as páginas do *Bosquejo*... menos, para os sebastianistas, nas duas linhas sobre o Desejado. Quanto ao articulista do jornal *O Século*, a que se refere no seu prefácio, é um escritor integralista (com quem, aliás, tenho cordealíssimas relações); e os integralistas, Amigo, acham-me sempre imparcial quando faço restrições ao jacobinismo, e sempre parcialíssimo quando faço restrições aos senhores reis, ao clero e à Tradição.

Ser imparcial, para eles, é ser imparcial (ou parcial) a favor deles. Bem perdoável ilusão!

Pelo que toca a entender heróis, direi que tendo estudado um pouco a história geral da humanidade, houve até hoje **SÓ UM** que não conseguiu compreender: o Desejado, — *o mais admirável herói da História*, segundo disse no seu discurso. É que, quanto a mim, não basta a tesura e o furor brigão — para ser herói. Se assim fôsse, iria buscá-los aos redondéis e às velas da Mouraria. Mas é assunto a que voltarei.

3.º ponto. Que não tenho «génio literário», nem os dotes de Lopes Vieira, Eugénio de Castro, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Aquilino Ribeiro, António Sardinha, Jaime Cortesão e Lopes de Mendonça (p. xlii).

Também não tem nada com o nosso assunto; mas é verdadeiro e muito hábil. Hábil, porque sempre propicia os espectadores, e os de mais pólpa; verdadeiro, porque em mim, com efeito, não vejo génio literário algum.

Só me cabe alegar que os nossos amigos, Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro e Agostinho de Campos (co'a breca, esqueceu-lhe este!) podem atestar que repilo a ideia de me considerarem homem de letras, insistindo em que sou pedagogo, e nada mais. Já se notou que não ponho nos livros a lista das obras que publiquei; que escrevo sempre para fins práticos de vantagem social, — sem ideia, portanto, de deixar obra literária; que me não ocupo de ser conhecido, de ter partidários e elogiadores (como os literatos costumam fazer, e fêz o meu Amigo no seu Prefácio); que digo em público, e por escrito, tudo o que digo em particular (o que em homens de letras é muito raro... *et pour cause*); que não cuido de maneira alguma da minha personalidade como «autor»... E de «megalomania literária», Amigo, se lembrou agora de me acusar!

Considero-me pois pedagogo, e nada mais. Ora, Pestalozzi, Kant, Froebel, Herbart, Montessori, Dewey, no estrangeiro, e em Portugal Verney, Ribeiro Sanches e Adolfo Coelho, não manifestaram maior dose do que chama «génio literário» — que o pobre de mim. É pois tão injusto o exigir-me que rivalize com aqueles escritores (tendo o mimo de um, a violência de outro, o humorismo deste, a austeridade daquele, etc., etc.,) — como exigir do meu Amigo, por exemplo, os recursos de versificação de um Castilho ou os dotes musicais de um Viana da Mota. Até os génios, como sabe, não teem os dotes dos outros génios: Dante não é Shakespeare, Shakespeare não é Balzac, Balzac não é Platão.

Houve um homem, todavia, que disse que a minha geração dera três estilos superiores: o de Aquilino, o de Cortesão... e o meu. Erro enormíssimo, quanto a mim. Quem o disse, porém, — foi Carlos Malheiro Dias...

Lembrar-lhe hei, outrossim, que se deve o estilo casar com o tema. Se eu escrevesse pedagogia ou análise filosófica com o estilo de Aquilino nas *Terras do Demo*, com o de Lopes Vieira no *Amadis*, ou com o de Eugénio de Castro na *Salomé*, — seria ridículo. Ao filósofo exige-se clareza, e nada mais.

Onde o meu Amigo se engana muito, e com generosidade para a minha pessoa, é quando sugere ao seu leitor que não tenho os génios daqueles artistas (entre si incompatíveis) por ignorância de gregos e de latinos. Não o diz; mas sugere-o. Ora, eu de latinos nada sei; mas os clássicos gregos constituiram, com os franceses e os filósofos (Spinoza, Descartes, Leibniz, Kant, Hegel, Schopenhauer, Comte) as minhas leituras de adolescente. Como se vê, sucedeu-lhe o que às Musas, segundo Hesíodo:

Ἰδμεν ψευδὲα πολλὰ λεγέειν ἐτυμοισιν ὅμοια

(TEOGONIA, v. 27).

4.º ponto. Palavras suas: «Não deve passar sem prévio comentário o anúncio retumbante com que o sr. António Sérgio deixou que lhe apregoassem a sua colectânea de testemunhos históricos, e o pouco esmero que aplicou na improvisada confecção do processo documentário do *Desejado* — em contraste com a probidade metódica de Antero de Figueiredo...» (p. xx).

Fala sério o meu Amigo? Não se ri? Pois está combinado: não se ria, que eu também não. Ninguém rirá.

Os homens da Bertrand — também não riem. E os directores dos jornais também não riem. Tudo de acôrdo e combinado. Ora diga lá o meu Amigo: eu, pois, sou o homem dos reclames retumbantes, ao passo que o senhor Antero de Figueiredo... Então? Há aí alguém que ria? Não tenha medo, que ninguém ri. Está combinado! Pode continuar, illustre Amigo. Podemos nós dois continuar.

Os reclames do editor Aillaud não são submetidos à minha censura; não tenho deles responsabilidade; e foi por acaso que vi um dia, sobre a carteira do sobrinho dêle, um projecto de dizeres para a cinta do meu livro. Corrigi-o, eliminando os adjectivos sobre a minha pessoa. O resto pareceu-me bem. Os documentos, em meu juízo (confirmado por Gualdino Gomes e também por Aquilino Ribeiro, que viram em provas o *Desejado*) são interessantes, sobretudo as relações anónimas. Saiu pois o seguinte, que denuncia aos seus leitores como escandalosamente retumbante:

«Interessantíssima colecção de documentos, da mais empolgante leitura, escritos por contemporâneos de D. Sebastião, acêrca dêste rei e da batalha de Alcácer-Quibir. Está nestas páginas o verdadeiro retrato do rei-Desejado. Num prefácio, António Sérgio refuta vigorosamente os apologistas de D. Sebastião»

O livro do sr. Antero de Figueiredo — o meticoloso e probo, — foi pôsto à venda com êste letreiro:

«Sucesso literário. Um trecho de história posto em arte onde o *grande escritor* enaltece a figura de D. Sebastião. Duas edições vendidas em 48 horas!»

onde noto o adjectivo *grande* e um milagre de venda com que não fui premiado, — pois o Altíssimo, como é natural, só os concede aos homens de fé, às almas puras e virginais.

Não julgue porém que lhe sigó o exemplo, e que vou combater o sr. Figueiredo na prosa da cinta e do editor. Seria absurdo; seria ridículo; e seria, mais do que isso, um êrro de tática: do livro dêle, o mais suportável — é ainda a cinta. Se me desafiar a isso, eu demonstrarei:

1.º Que o *D. Sebastião*, do sr. Antero de Figueiredo, é a *História Sebastica* de Manuel dos Santos, truncada, deturpada, trapaceada, e posta em português precioso ridículo;

2.º Que revela ignorância e incompreensão de factos essenciais do seu assunto.

Desejo muito que me não force a tanto. Mas, se insistir, demonstrarei. More geometrico, como é meu costume. E vamos ao mais!

5.º ponto. Que não publiquei documentos inéditos. Que os que publiquei estavam ao alcance de todos.

O meu próprio Amigo diz, a p. xx do seu prefácio: «o sr. António Sérgio pretendeu, pedagogicamente, facultar à Mocidade o exame das fontes *em que assentou a sua tese*». Assim é, com efeito; pretendi defender-me do seu ataque, facultando à Mocidade o exame das fontes *em que assentara a minha tese*. Ora eu não assentara a minha tese em fontes inéditas; assentara *naquelas*. De maneira que me descompõe, em estiradas páginas, — por não ser intrujão! Diz que prometi fazer uma coisa; e passa logo a descompor-me... por fazer essa, e não outra! Valha-nos Deus!

Quanto a serem os documentos acessíveis, — não é verdade. Raríssimos estudantes teriam tempo, paciência, e dinheiro para os reunir. O sr. Antero de Figueiredo cita um, português, — traduzido em francês. O meu Amigo sabe isto, mas... Tenhamos paciência, lembrando-nos de Sófocles:

Εν τῷ φρονεῖν γὰρ μὴδεν ἡδιστὸς βίος

(AJAX, 550).

Vai no original, para lhe dar prazer.

6.º ponto. «O sr. António Sérgio não tem o privilégio de raciocinar clara e logicamente» (p. xi).

Está visto que não. O meu Amigo no estado normal raciocina como eu o faço, ou muito melhor. Emquanto sebastianista, porém, renuncia a êsse dom. No sebastianismo há só uma lei: *Credo, quia absurdum*. Camilo definiu-o assim: «**UMA IDIOTIA**, que devia fazer rir a gente séria dêste século... uma aberração adstrita à alçada da patologia encefálica... uma **BESTIALIDADE**» (*Boémia do Espírito*, 1886, p. 46); e com estas palavras pitorescas a mentalidade portuguesa actual: «havia de encher o meu país de retórica e de almôndegas: que não lhe conheço bôjo idóneo para esmoer outra fazenda».

Mas Camilo, como eu, não tinha o dom do sentimento...

7.º ponto. Longa defesa da sua *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, a propósito da qual eu teria invocado (ao que lhe parece) a «história do João Ratão» (p. xxxii e seg.).

Bastava isto, nobre Amigo, para mostrar a crise do seu espírito. Releia o período da minha Carta que lhe inspirou êsse protesto:

«Vai o século xv, para Portugal, de 1383 a 1495, — de Nunálvares a Vasco da Gama: e parece que aos homens dêsses grandes tempos continua a vê-los o meu nobre Amigo segundo a teoria das Navegações (*celticista*, conto de fadas, e verdadeiramente calorífica) *que a geração a que pertence veio encontrar na história pátria*, e que eu, logo de início, considereei tão séria e digna de crédito como a própria história do João Ratão. Essa insistência no êrro velho não era crível no seu alto espírito...

Ora quem pode, nessas frases, ver um ataque mascarado... à *História da Colonização Portuguesa no Brasil*? O que a geração a que pertence *veio encontrar* na história pátria, quando se iniciou na cultura mental (há uns 20 ou 25 anos) não foi a *História da Colonização*, que só agora se está publicando. Santo Deus! A teoria celticista, como sabe, é a de Teófilo Braga e de Oliveira Martins, a de Menendez y Pelayo (homem fecundo, sim, mas falhíssimo de espírito crítico). Foi a essa, evidentemente, que me referi; todos sabem que é deles, e não sua, a teoria celticista.

O meu Amigo abandonou, naquela *História*, a teoria dêsses tres; e *porisso* estranhei que assimilasse na *Exortação* aos lusos do século xv o aventureiro D. Sebastião. Foi na *Exortação*, e não na *História*, que pareceu seguir o celticismo. Claro está!

O que é óbvio, para aqueles que o lêem com vista arguta, é que o meu Amigo não *organizou* ainda, por assim

dizer, o conjunto das suas ideias sobre a história de Portugal. Exprime opiniões que não jogam bem com outras das suas opiniões. Não há unidade de conjunto; sente-se em tudo que vai indeciso. Se as coisas estivessem no seu espírito solidamente organizadas, não havia desgostos e cansaços, não havia amizade generosa com o sr. Antero de Figueiredo, que o fizessem sebastianista, repetindo seriíssimamente a pilhéria do António Nobre: que o mais admirável herói da História — era D. Sebastião!

Há um período da minha Carta que mostra o absurdo e o infundado da sua fantástica interpretação. Depois de citar um certo exemplo da nossa metódica das Navegações, escrevi o seguinte: «*Melhor do que eu*, sabe o meu Amigo que tudo era assim» (Carta-prefácio do *Desejado*, p. xxiv). Como diz, pois, que eu quis «desacreditar um camarada», insinuando a sua ignorância a respeito da metódica das Navegações? Quem de nós dois atacou primeiro? Quem de nós dois disse do outro que contava a história mal contada? Quem começou por «desacreditar»?

Errare humanum est. O meu Amigo, como se verá, acaba o Prefácio por se render, desdizendo-se da *Exortação*. Fizesse-o sem subterfúgios, sem querer ocultar que se rendeu à Verdade, e daria um exemplo e lição de Mestre à Mocidade do seu país. Os triunfos sobre nós próprios são os mais difíceis de se alcançar — e os que honram mais. Só assim Malheiro Dias seria enfim Malheiro Dias, — o legítimo, o que eu admiro e admirarei.

8.º ponto. Que no juízo sobre o *Desejado* eu não fui original (p. 11); que decalquei o meu juízo sobre o diagnóstico de Manuel Bento (p. 11); que o abonei com Manuel Bento (p. 11); que o poderia abonar, outrossim, com Camilo, Costa Lobo, Ribeiro Guimarães e Sampaio Bruno (p. 11 e 12).

A primeira alegação não parece de um historiador. Os juízos do historiador hão de ser *justos*; e não se há de mudar o que parece justo — só para se ser original.

Não é exacto, Amigo, que abonasse com Manuel Bento a minha «blasfema» opinião; só falei em Manuel Bento para o seguinte: mostrar que é absurdo o atribuir-se a opinião anti-sebástica (como fez) a uma penúria de ideal, a insensibilidade ética dos anti-sebásticos, ao vampirismo dos apetites e ao materialismo das ambições: pois Manuel Bento (cá está ele) foi um timbre do Character. Não poderia, pois, citar Camilo, que é um escritor de muito cunho, mas não um timbre do Character.

Diz que decalquei o meu juízo sobre o diagnóstico de Manuel Bento, e que, segundo este, D. Sebastião foi epiléptico, mas inteligente (não é tal isso, mas assim diz). Ora eu — não lhe chamei epiléptico em nenhuma parte, e chamei-lhe estúpido (como Camilo, que lhe chamou, como sabe, — «supinamente tolo»).

Estranha maneira de decalcar!

9.º ponto. Diz o meu Amigo: «Como não nos propomos fazer a análise das páginas dedicadas a D. Sebastião por Manuel Bento de Sousa, nem a reabilitação do *Desejado*, citaremos apenas uma das muitas insubstantes afirmações do clínico, levanamente aceites pelo sr. António Sérgio: a que atribue à monomania do rei em ferir uma grande e decisiva batalha campal, e à intromissão da sua demência imperiosa, o abandono do plano de atacar Larache por mar» (p. 12).

Sustenta pois que aceitei *muitas — muitas!* — das insubstantes afirmações do clínico: e foram tantas, tantas,

tantas, que para as exemplificar... teve o meu Amigo de *inventar* uma! Sim, de *inventar*. Pois nunca jamais escrevi aquilo! Não falei, sequer, no plano de atacar Larache pelo mar!

Tudo inventado! A minha Carta tem 24 páginas: fácil se torna a verificação.

Diga pois que sou sofista, — sofista arguto, sagaz, subtil; mas não diga (por amor de Deus!) que aprendeu comigo a engendrar sofismas: que só um desses (tão grosseiro, tão calvo!) seria demais para desacreditar o mestre!

É verdade, também, que se se metesse a refutar o que digo, e não o que erradamente me atribue, — não teria escrito nem meia página, como sucessivamente demonstrarei.

10.º ponto. Que eu disse mal do *Desejado* para agradar às multidões. Escreve assim: «Mas não teria sido, precisamente, para a galeria, para as paixões plebeias, para os jacobinos do jornal e da rua, que o ensaísta traçou a sua caricatura ignominiosa?» (p. 13).

Outra prova evidente que o seu espírito transviou, para fóra da natural galhardia e da sua inata lucidez. Para agradar ao jacobinismo havia assuntos mais asados, no *Bosquejo da História de Portugal*: Inquisição, jesuitas, reis de Bragança, e coisas mais; e sabe o Amigo o que é que eu fiz. O que se tem notado na minha pessoa, — é a mania de dizer a verdade (ou o que suponho ser a verdade) sem considerações por ninguém: clero, nobreza ou povo; letrados ou iletrados; jacobinos ou conservadores. Apesar de homem de gabinete, já duas vezes fiz frente às turbas, e trago ainda dentro do corpo os restos da bomba que aí ganhei. Sou tímido, pacífico e burguês; mas menos prudente, às vezes, a actuar do que a escrever. Não diga pois a certas pessoas que eu não entendo o «heroísmo»; e diga ao mestre do «heroísmo», o sr. Antero de Figueiredo, que *las lecciones de torear se dan a la cabeza del toro*. (Dou ao «heroísmo», neste lugar, o insuficientíssimo significado que o meu amigo lhe dá sempre).

Mas agora pergunto eu: e os outros? Os outros autores anti-sebásticos? Manuel Bento? Costa Lobo? Camilo? Também esses, — para agradar às multidões?

Atribuí a sua tese a um sentimento muito nobre: a amizade; e continuarei a atribuir. Atribue a minha a coisa torpe: a lisonja. Estará do seu lado o heroísmo; a generosidade... não está. Dizia Spinoza que os scepticos se não curam com razões, — mas com remédios. Os sebastianistas também.

11.º ponto. Que lhe dei a honra de o escolher para vítima propiciatória do racionalismo; que critiquei a *Exortação* sem a ler toda (p. xxx a xxxii).

Não escolhi tal. Foi o meu Amigo que me atacou. Se fôsse outra pessoa que me atacasse, seria de outra que me defenderia. É evidente.

Não critiquei a *Exortação*; nunca a pretendi criticar; não tinha que a criticar, mas que responder *à parte que me dizia respeito*: foi o que fiz.

O meu Amigo atacou-me. Em primeiro lugar, atribuiu a opinião anti-sebástica aos apetites materialistas, ao desenfreamento das ambições; disse, em segundo, que eu contava a história mal contada; e em terceiro (*last, but not least!*) incitou a mocidade a não me ouvir, — quando a cultura da mocidade tem sido sempre o meu objecto, o único fim do meu trabalho, a razão de ser da minha vida! Atirou-me, pois, ao coração da vida mental. Se conse-

guisse o seu intento, lá ia por terra o meu labor. Bem vê, eu não pretendo fazer estilo (nem mesmo poderia, conforme diz); não crio Beleza; não «ponho em Arte»; não invento a Vida... E depois? Não havia de me defender?

Aquilo dos apetites (declara agora) não era comigo. Ora ainda bem! Ficam-no sabendo os seus leitores, e beijolhe as mãos pela mercê. Mas... com quem era então? Qual foi então a outra pessoa que nesta época do *après-guerre* — disse «blasfêmias» sobre o Desejado? Não vi quem fôsse; não vi ninguém. Mas se era com outro, — citasse-lhe o nome, e não a mim! Descompôs uma pessoa que não diz quem é, — e no meio da descompostura pôs-me a mim?

Mas não desiste de me acusar. Escreve agora: «Interprete, o sr. António Sérgio, do regabofe sórdido do nosso *après-guerre*? Não; isso não. Mas culto expoente cerebral da escola que preparou e animou a expansão triunfante do materialismo» (p. XLII).

Aquí está um gigote que pessoa alguma, neste mundo, seria capaz de cozinhar. Que sentido tem ali a palavra *materialismo*? Não sei (nunca se define, no seu Prefácio, o sentido que as palavras teem). Que escola é aquela, «que preparou e animou a expansão do materialismo»? Não sei. Como sou eu o expoente dela? Não sei. Não sabe ninguém. Mas enfim, o meu Amigo não desiste de «encravar» a minha alma — com a responsabilidade dos materialões. Estou arranjado! Cá marchó, por culpa sua, para as fogueiras de Barzabú. Que eu, — também, — habituo-me a tudo: no fim de três, quatro dias, estou nas chamas como peixe n'água. Há de valer-me o ser «sofista».

...E seria eu que animei também os roubadores do «pobre povo», ministros do seu «herói», vituperados por Camões?

12.º ponto. Que escrevi só 24 páginas no *Desejado*.

Todos os críticos estrangeiros me teem chamado escritor «denso»: com basto pensar em poucas páginas (aprecia-se isso, lá no estrangeiro). Se ponho em 20, tantas ideias aproveitáveis como vários colegas em centos delas, — muito melhor. Dado que me permitisse o *élan* romântico de idealizar epitáfios para a minha tumba, escolheria êste: «Num país de retórica e de verborreia, mereceu o cognome de escritor denso. Agradecei-lhe, ó gentes!».

No entanto, se se não aborreceu com as 24 — é lisonjeiro. Também as cem do seu Prefácio, Amigo, me souberam a pouco. Muiíssimo obrigado: pela lisonja e pelo cento.

13.º ponto. Que parece que tive uma questão pessoal com o Desejado.

Também parece que Herculano teve uma questão pessoal com o Piedoso; Mommsen, com Cícero; Oliveira Martins, com os jesuitas; Taine, com os jacobinos; o meu Amigo, com os mercadores do *après-guerre*; e também parece que toda gente teve questões pessoais com Nero, com Judas, com Calígula, com Tamerlão. Por outro lado, parece que toda gente teve amizade pessoal com Buda, Aristides, Marco Aurélio, S. Francisco de Assis.

O problema, portanto, não é discutir se parece que houve, ou não houve, inimizade ou boa amizade, — mas se as personagens bem mereceram, ou não mereceram, que pareçamos amigas ou inimigas delas. Há motivos para que pareçamos que tivemos questões com o Desejado? Há motivos para que pareçamos que tivemos amores com o Desejado? Eis o problema, — que me não discutiram. Um fez

a lista dos nomes feios, e todos os outros repetiram a lista...

É fácil ver, no entanto, que a insistência da minha crítica vem da insistência muito maior de uma adoração fenomenal, que excede os píncaros da insensatez. Está «encantado» o meu Amigo, — como sucede nos contos de fadas. O sr. Antero de Figueiredo foi a fada que o encantou. Quando um dia se desencantou — dar-me há razão. Sem o confessar, — deu má já.

14.º ponto. Diz assim: «o sr. António Sérgio parece esquecer que nas vinte e cinco páginas do seu prefácio, paroxismicamente, crispadamente... invectiva D. Sebastião». (p. XVII e XVIII).

Sim, eu segui o seu conselho: pus a alma em paroxismo, os nervos em crisão. Diz bem, meu Amigo! Segui o seu conselho, e pequei!... Mas que há de fazer um peãozinho humilde, — se tem de bater-se com Galaaz? Confesso portanto o meu pecado. Sim: vou revelar-lhe com a maior candura o meu diabólico estratagemma, a minha astúcia mefistofélica, que vai perder-me definitivamente no conceito severo das almas de oiro, dos puros apóstolos da lealdade, do sr. Antero de Figueiredo, dos cavaleiros do Ideal. Sim: arremessei-me contra o Desejado, paroxismicamente, crispadamente, — e adrede o fiz! Foi de propósito que me não domei, e segui por ardid o seu áureo lema de soltar a alma num paroxismo, de deixar os nervos em crisão. Quis pôr à prova a seguridade, a consistência do seu julgar; quis verificar se o meu nobre Amigo, tendo-me condenado com soberbo afan pela minha *frieza* racionalista, — me condenava agora por tomar *calor*; e durante dias o esperei calado, pacientemente, neste Roncesvales da argumentação, invocando os deuses e aguçando o olhar... Virá por aqui? Não virá? Roldão cavaleiro aparecia ao longe, vagaroso e forte... Que vagar, santo Deus! que vagar! Uma guarda-avançada de frêcheiros dêbeis importunava as folhas do matagal, disparando à toa... Vi-o avançar, de espada na mão... Não deu com a cova disfarçada aos pés, — e caiu! Aí está, Cavaleiro amigo! Bem vê, caiu! Se sou caloroso, — estou condenado; e estou condenado, se frio sou. Não vai à Verdade a inteligência al-gida, e o «calor do sentimento» também não vai. Fi-lo tombar, como vê, na mais rotunda contradição. Alalá! Não toque a buzina, Roldão sebastico: ouviram-me os manes do astuto Ulisses, e os deuses do Olimpo são por mim!

15.º ponto. O sentimento no historiador. A imparcialidade no historiador. A Carta-prefácio do *Desejado* (como nela própria declarei) não era uma obra de historiador, mas a defesa da minha pessoa contra os ataques de Malheiro Dias. Ainda assim, a repulsão que aí mostrei pela pessoa do Desejado, dado por hipótese que tenha exagero, é muito menos excessiva que a adoração de Malheiro Dias, ou a de Antero de Figueiredo.

Mas qual foi (preguntará) o sentimento que me tomou, e me não dei ao incômodo de refrear? — Foi o de indignação, ilustre Amigo; a indignação que se *deve ter* com os excessos da tirania, a ferocidade na onipotência, a maldade descaroável e a teimosia na estupidez, — as quais, como sabe, foram tão grandes no Desejado, que o sr. Antero de Figueiredo, a-pesar dos tratos de polé que deu à Verdade no seu volume (e com que farfúncia! e com que

à-vontade! e com que topete!) não pôde esconder que o recrutamento da infantaria portuguesa, ordenado pelo seu «herói», foi um cúmulo de infâmias, de prepotências, de roubalheiras e de podridões.

Inópia de sentimento, para mim, é ficar insensível ante coisas tais. E (mais ainda que ficar insensível) adorar a causa de tanto horror. O sentimento, Amigo? Mas foi a si que lhe faltou!

Dirá talvez que a indignação é incompatível com a imparcialidade.

A imparcialidade, vistas as coisas, não está no estilo mais ou menos quente com que se enunciam as opiniões. Imparcialidade, em História, não é abster-se de formular juízo, e de capitular como bom ou mau aquilo que se afigura como bom ou mau. Ser imparcial é formular juízo pelo exame *directo* de cada *facto* (de cada empresa, personagem, ou problema *particular*) e só por êle, sem idea preconcebida de partido ou de religião. Parciais, pois, são os historiadores jacobinos quando abocanham todos os reis, por serem reis, ou todos os padres, por serem padres; parciais, da mesma forma, são os escritores reaccionários quando amimalham todos os reis, por serem reis, ou todos os padres, por serem padres. Quanto a mim, tenho exaltado como ninguém os grandes soberanos de Portugal; defendi, quando me pareceu justo, um D. João IV e um D. João VI. A esses, porém, e não a *todos*. No juízo histórico sobre cada *facto*, não uso guiar-me por tendências gerais (tendência de monárquico ou de republicano, opinião de religioso ou opinião de ateu) mas pelo resultado particular de cada exame particular. Obtido o juízo por este método, o *facto* de exprimi-lo com calor ou frio não minora ou aumenta de uma gota de água a sua qualidade de imparcial.

O que sobre D. Sebastião me permiti dizer na Cartaprefácio, portanto, não implica vício de parcialidade nos processos críticos do historiador. Por ser de heroísmo que se fala agora, veio-me à idea Tomás Carlyle,—o qual, como sabe, é com personagens das suas histórias indignado e duro como ali fui; e «fanático, ruím de condição, inepto», chamou ao Piedoso o grande Herculano na sua *Origem da Inquisição*.

Mas há mais. A Cartaprefácio é uma controvérsia:—parada a um golpe que me desfechou: isso só. Quero eu dizer que é verdade pura, mas não é História, não é obra de História. Eu próprio lhe disse nessa mesma Carta que tomara o arbítrio de *não fazer História*, cingindo-me ao método educativo de dar ao leitor a documentação. É coisa polémica, objeccional; e tendo-me atacado o meu bravo Amigo, e apresentado às gentes o vencido de Alcácer como o mais admirável dos heróis da História, lição eterna de beleza eterna, digno de atrair nos anais da Pátria os olhares agradecidos da Juventude como uma árvore solitária num descampado,—senti-me no direito de dizer que NÃO!

Ainda mais. Dado que houvesse algum exagêro no meu sentimento de antipatia, menos me afastei do ponto ideal, que representa aqui a justiça exacta, no sentido negativo, ou inferior, que o meu Amigo se afastou dêle no sentido positivo, ou superior. Por outras palavras: o seu nível de adoração esteve a maior distância do da Verdade, *acima* dela, que o meu de repulsa *abaixo* dela. O que a seguir, *more geometrico*, demonstrei.

16.º ponto. Entra-se finalmente no assunto. A resposta que agora me dá, no Prefácio desta nova edição do seu discurso, é uma *retratação dêsse discurso* na parte que eu im-

pugnara: mas retratação mascarada, a fingir que o não é. Se tomarmos como Verdade a sua opinião *agora* expressa, verifica-se que eu estou na Verdade, sem afastamento sensível no sentido negativo.

Que dissera o meu Amigo à Mocidade? O seguinte:

1.º Que D. Sebastião foi, de toda a História, o herói que António Nobre mais admirou, e que António Nobre teve aí razão; que D. Sebastião, portanto, é o mais admirável herói da História;

2.º Que D. Sebastião é a «lição eterna», que cumpre seguir;

3.º Que releva imitá-lo, já no «ímpeto da luta», já no «ardor do ideal», já na «candura patriótica»;

4.º Que ela, Mocidade, pusesse «a alma em paroxismo», os «nervos em crispação».

(V. o seu discurso, nesta nova edição prefaciada, p. 51 a 54).

E que diz agora?

1.º Que o Desejado foi um «pobre» moço «impulsivo», de «*desvairadas* ambições de glória», um «*ferrabrás* belicoso», um rei «autoritário», de «arrebatamento *delirante*» (p. LXXXI), acabando por declarar o seguinte: «justamente me haveria increpado o sr. António Sérgio de sementeiro de demagogia se, apontando D. Sebastião como exemplo edificante à Juventude, lhe houvesse dito: Eis aqui um rei que desprezou os conselhos da sabedoria e da experiência. Sêde como êle, temerária e impetuosa! Não são, porém, essas *insensatas palavras* as que se lêem na minha *Exortação*» (p. LXXXI).

2.º Que «o que Antero de Figueiredo e António Sardinha empreenderam *não foi tanto a justificação e exaltação de D. Sebastião* como a explicação dos seus transportes heróicos e da sua mística patriótica» (p. CI); (não é exacto; o sr. Antero de Figueiredo, pelo menos, — não li o capítulo de António Sardinha, — fez da figura do Desejado a mais exaltada das exaltações; o meu Amigo, porém, já não ousa sustentar o seu absurdo);

3.º Que não aconselhou a juventude, no seu discurso, a incorrer nos «erros fatais» do Desejado, — logo, que êle praticou erros fatais (p. CVIII);

4.º Que o D. Sebastião de que falou é figura «mais lendária que real» (p. CVIII);

5.º Que D. Sebastião não passa, afinal de contas, de um «pobre donzel», não valendo como ensinamento «as figuras gigantes, e radiosas de perpétua luz, do santo Condestável, do ínclito Infante, do grande D. João II, do terrível Albuquerque» (p. CVIII).

Que trambulhão! O mais admirável herói da História, a «lição eterna», — ei-lo aí está. Coitadinho! Um «pobre donzel» que é desvairado, caricato porque «ferrabrás», — e que ninguém ousa justificar! O alcaide sebastianista, já envergonhado do seu absurdo, hesita, balbucia, nega, e acaba enfim por se me render. Mas conservando para a galeria os ademanos triunfais.

Porisso mesmo sustenta agora (na página xli do seu Prefácio) que não apresentou o Desejado como um herói exemplar...

Não aprendeu a sofismar comigo!

Dar um «herói» como «lição eterna», como o mais admirável de toda a História, — significa dá-lo como exemplar. Nega porém esta evidência, porque viu o erro que praticou. Bem ao contrário do que agora afirma, são as «palavras insensatas» o que se encontra no seu discurso, — escrito (como já disse) por um Malheiro Dias que não é ele próprio, diferente pois como noite e dia do Malheiro Dias que eu sempre vi, e cujos talentos para o belo estilo (dê-se entre nós o que vier a dar-se) hei de clamar e elogiar em grita, fiel à Justiça e à Razão, — mãe de filhos (diz o poeta)

que combatem
tendo o seu nome escrito em seus escudos!

Mas agora diga: se o Desejado de que quis falar era o *lendário* e não o *real*, porque implicou com o pobre de mim, que fôra encarregado de um bosquejo de *História* (e não de um romance, ilustre Amigo! e não de um poema! e não de folclore ou de mitologia!) e devia tratar, consequentemente, da personagem *histórica*, que é a *real*?

E se o «pobre donzel» como ensinamento se não pode comparar ao verdadeiro herói (como Nunálvares, o Infante, D. João II ou Albuquerque) porque viu nele a «lição eterna», e o elegeu a ele e não aos outros para ensinamento da Mocidade? Porque deu aos jovens um ideal inferior, podendo dar-lhe do melhor que há?

As minhas opiniões sobre o Desejado, segundo afirma, foram feitas para agradar à rua. Idea absurda, evidentemente. Claro que a rua não me lê a mim, que não posso ser um autor popular. Se quisesse responder-lhe pelo mesmo método, diria (injustamente) que menos pensou em aconselhar os jovens que em preparar o reclame para o seu bom amigo, o sr. Antero de Figueiredo... Nada! por esse caminho não sigo eu. Volto aos «sofismas», como vai ver.

Porque me atacou na *Exortação*?

Porque chamei no *Bosquejo* ao seu «herói»:

- 1.º fanfarrão;
- 2.º mentecapto.

E que lhe chama agora no seu *Prefácio*?

- 1.º ferrabrás;
- 2.º «pobre donzel», moço «impulsivo», «desvairado», «autoritário» e de «arrebatamento *delirante*».

Ora, não é forçar o senso dos termos que eu ponha as seguintes equações:

ferrabrás = fanfarrão;
pobre donzel + impulsivo + desvairado + impetuoso + autoritário + arrebatado *delirante*
= mentecapto;

e que destas equações eu deduza a seguinte:

opinião de António Sérgio sobre o Desejado,
expressa no *Bosquejo* = opinião de Malheiro
Dias sobre o Desejado, expressa no *Prefácio*.

Quod erat demonstrandum!
More geometrico demonstratum!

Ora vejamos: é também para agradar à rua que lhe chama «ferrabrás» e «delirante»?

Mas prossigamos.

Diz assim, na última página do seu *Prefácio*, referindo-se ao Desejado:

«Decerto, ele não vale como ensinamento, — pobre donzel vitimado, infeliz Galaaz desterrado do século xiv para o século xvi! — as figuras gigantes, e radiosas de perpétua luz, do Santo Condestável, do ínclito Infante, do grande D. João II, do terrível Albuquerque. Vale, sim, nas horas de desgraça, como representação simbólica da vitória da Pátria sobre as vicissitudes que ele preparara por suas mãos inocentes».

Diga-me, meu Amigo, que nome merece este pensamento de tomar um homem que não viu a vitória, que foi derrotado completamente, que só a *derrota* conheceu na vida, como símbolo... de quê? da *vitória* — sobre a derrota que ele causou?

17.º ponto. Que o herói não é tratável pela inteligência; que se não analisa ao microscópio; que se não pode reduzir ao explicável, etc. (p. lxi, lxi, etc.)

Se me deixa continuar a ser «pedante» e a chamar as coisas pelo seu nome, direi o seguinte: o seu *Prefácio* assenta todo sobre uma petição de princípio. Chama-se «petição de princípio», como sabe, uma argumentação que supõe verdadeiro aquilo que se pretende demonstrar. É um sofisma demasiado grosso, que os mestres da arte (como diz que sou) porisso mesmo não usam nunca. Negando eu, pois, que o Desejado seja um herói, — o autor do *Prefácio* da *Exortação*, se fôsse o autêntico Malheiro Dias, não supunha admitido que ele era um herói. Começaria por discutir, e determinar, o que é um Herói; quais são os atributos (digo os atributos *característicos*) do que se chama Heróis; para depois ver se tais atributos ocorrem em D. Sebastião.

Deixarei para o fim esse problema (exige-o a ordenação do meu discurso, que segue o método de progressão). Mas para ir ruminando pelo caminho, e enquanto não chegarmos a tal assunto, lembro-lhe que em matéria de heroísmo a autoridade que me citou — é Emerson; e os heróis de Emerson são os seguintes: Platão, Swedenborg, Montaigne, Shakespeare, Napoleão, Goethe, — e também Voltaire (a quem no *Prefácio* o meu Amigo me dá a honra de me comparar).

Ora, que há comum a esses homens todos, que os torna heróis? Não, por certo, aquilo a que o meu Amigo dá o nome de «heroísmo», quando faz do Desejado um grande herói: o desvairo do brigão, a mania do mata-moios, o delírio do «ferrabrás», — mas uma coisa *muito* diversa: e essa coisa *muito diversa* , dote comum daqueles heróis, é que constitui logicamente (segundo a autoridade que adoptou) o carácter do heroísmo.

E reatemos o meu discurso.

Tudo quanto existe é tratável pela inteligência; e caber-lhe hia explicar agora porque será então que a inteligência, ao fazer a análise dos outros heróis, confirma neles a opinião geral, mantendo-lhes o dom do heroísmo, e *só para um* é incapaz: o Desejado. Só esse não passa de um «ferrabrás», para a inteligência de um Malheiro Dias; de um «supinamente tolo», para a inteligência de um Camilo.